

Ainda é preciso “ocupar, resistir e produzir”¹

Todavía es necesario "ocupar, resistir y producir"

It is still necessary to "occupy, resist and produce"

Márcia Paixão²

Caroline Silva da Silva³

Resumo

Este texto procura abordar a urgência de refletir questões de método e metodologia científica a partir do feminismo e de outras teorias que articulem gênero e epistemologia. Nessa mesma linha estabelece diálogo entre os movimentos sociais e a academia no intuito de perceber as influências que se estabelecem entre ambos. O feminismo é político, histórico, filosófico, epistemológico e pedagógico e tem o compromisso com a igualdade entre as pessoas. A partir da teoria feminista e de gênero busca-se uma aproximação com a metodologia da desconstrução e da reconstrução para entabular um diálogo no campo educativo e social. A discussão proposta pelo feminismo coaduna a perspectiva epistemológica (e política também) junto com a categoria gênero como uma mediação hermenêutica para analisar criticamente a produção científica, as relações sociais e institucionais. Por entender que a produção do conhecimento passa por experiências cotidianas, acreditamos ser pertinente aprofundar o tema metodologia feminista no campo da educação como uma das formas de construção de relações justas, de respeito e de reciprocidade.

Palavras-chave: feminismo, metodologia, hermenêutica, relações sociais.

Resumen

Este texto trata de abordar la urgencia de reflejar las cuestiones de método y metodología científica del feminismo y otras teorías que articulan el género y la epistemología. Esta misma línea establece el diálogo entre los movimientos sociales y el mundo académico para percibir las influencias que se establecen entre ellos. El feminismo es político, histórico, filosófico, epistemológico y pedagógico y está comprometido con la igualdad entre las personas. Basados en la teoría feminista y de género, buscamos una aproximación con la metodología de desconstrucción y reconstrucción para entablar un diálogo en el campo educativo y social. La discusión propuesta por el feminismo consistente en la perspectiva epistemológica (y también política) junto con la categoría de género como mediación hermenéutica para analizar críticamente la producción científica, las relaciones sociales e institucionales. Entendiendo que la producción de conocimiento pasa por experiencias cotidianas, creemos que es pertinente profundizar el tema de la metodología feminista en el campo de la educación como una de las formas de construcción de relaciones rectas, respeto y reciprocidad.

Palabras clave: feminismo, metodología, hermenéutica, relaciones sociales.

Abstract

¹ Tema do segundo Congresso Nacional do MST, em Brasília/DF, de 08-10/05/1990. Tomamos emprestada esta máxima do MST no título de nosso artigo e nos serve de inspiração para pensarmos a produção feminista a partir da metodologia e da hermenêutica.

²Doutora em Educação. Professora da UFSM, RS; Brasil; marciapaixao12@gmail.com

³Acadêmica de Serviço Social da UFSM ; RS; Brasil; carolinesilva2411@outlook.com

This text seeks to address the urgency of reflecting questions of method and scientific methodology from feminism and other theories that articulate gender and epistemology. This same line establishes dialogue between social movements and academia in order to perceive the influences that are established between them. Feminism is political, historical, philosophical, epistemological and pedagogical and is committed to equality among people. Based on feminist and gender theory, we seek an approximation with the methodology of deconstruction and reconstruction to engage a dialogue in the educational and social field. The discussion proposed by feminism consistent the epistemological (and political also) perspective along with the gender category as a hermeneutic mediation to critically analyze scientific production, social and institutional relations. By understanding that the production of knowledge goes through everyday experiences, we believe it is pertinent to deepen the theme of feminist methodology in the field of education as one of the forms of construction of righteous relations, respect and reciprocity.

Key words: feminism, methodology, hermeneutics, social relations.

1.Introdução

No momento histórico atual não há como esquivar-se da reflexão acerca das questões de gênero veiculadas nas mídias. O preconceito, a discriminação e a violência motivada pelas questões de gênero têm impregnado nosso cotidiano, justificando o retrocesso e aniquilando as conquistas do movimento feminista ao longo dos anos. Justamente por isso, é urgente e necessário que se retome a discussão proposta pelo feminismo. Assim, coadunar a perspectiva epistemológica (e política também) junto com a categoria gênero como uma mediação hermenêutica para analisar criticamente a produção científica, as relações sociais e institucionais continuam sendo válidas nos dias atuais.

A partir das experiências no Grupo de Estudos Feministas **El@s** e com o projeto de extensão junto a um Coletivo de Mulheres da periferia de Santa Maria/RS, entramos no texto pelo tema da metodologia e da mediação hermenêutica como uma forma de pensar o processo de produção do conhecimento e as provocações que daí decorre. Ao longo da História percebe-se a construção das desigualdades e violências de gênero como “naturais” e que se perpetuam em todos os espaços de uma forma contagiante, reproduzindo a ideia de hierarquia entre as pessoas reforçando a opressão.

Estes aspectos precisam continuar a ser debatidos nos espaços acadêmicos e problematizados no campo da educação. A partir do referencial da teoria feminista, buscamos analisar criticamente e pedagogicamente a reprodução e produção das opressões de gênero que assolam o nosso cotidiano.

Dessa forma, ainda é preciso “ocupar, resistir e produzir”: ocupar os espaços acadêmicos, resistir às opressões e produzir saberes a partir de referenciais que contribuam para o fazer pedagógico crítico e humanizador.

2. Pensar epistemologicamente

No campo acadêmico a palavra epistemologia tem um lugar importante. Produzir/construir conhecimentos (epistemologia) na academia é considerado como sua tarefa principal. Sabe-se que essa produção é construída dentro de um contexto que é social, político, religioso, econômico e que influencia e determina os saberes.

Inicialmente apoiamos nossas análises epistemológicas e hermenêuticas a partir da autora brasileira Wanda Deifelt (2008) e da autora americana Elisabeth Schüssler Fiorenza (2009). Ambas têm, a partir da Teologia Feminista, aprofundado os estudos acerca da metodologia e da hermenêutica feministas e que contribui com a reflexão pedagógica sobre a temática de gênero e as relações de poder. Os textos de Wanda Deifelt e Elisabeth Fiorenza representam um desafio para a análise da centralidade da opressão, pela busca da igualdade de direitos e pela superação das discriminações e violências que estão implicadas quando tratamos da grande temática de gênero no cotidiano. Entendemos que essas autoras podem trazer elementos que auxiliam a ampliar e diversificar nosso “ocupar, resistir e produzir” no espaço acadêmico, social e político. Nesse sentido, faz-se necessário pensar na metodologia de desconstrução e reconstrução como possibilidades de superação das situações de opressão e dominação instaladas na vida em sociedade. Como bem situa Deifelt

Para desconstruir, é necessária uma revisão das estruturas simbólicas que se perpetuam e mantêm relações assimétricas de poder. Para reconstruir, é necessário elaborar concepções e práticas alternativas do fazer teológico (DEIFELT, 2008: p.15)

Revisar as estruturas simbólicas de poder que se perpetuam na estrutura patriarcal em que vivemos é extremamente necessário. Mas também é um exercício de enfrentamento com as estruturas de dominação presentes nas relações e que naturalizam o lugar subalterno, frágil e doméstico para as mulheres. É nessa linha de pensamento que a teoria feminista ocupa lugar na ciência para contribuir com a ideia de poder nomear e renomear as opressões, sendo possível resistir e produzir conhecimentos. Por isso, é extremamente importante pensar em outras formas de poder e relações sociais a partir da metodologia feminista. Wanda esclarece que o método requer pelo menos cinco passos:

1. Suspeita; 2. Recuperação de memórias e tradições esquecidas ou colocadas à margem; 3. Crítica, correção e transformação de conceitos; 4. Repensar o modo como o mundo acadêmico opera; 5. Autoavaliação crítica. Estes cinco passos são desdobramentos do processo contínuo de desconstrução e reconstrução. A suspeita, um tema originalmente apresentado por Paul Ricoeur, remove literalismos e desconstrói a hegemonia acadêmica. A recuperação de memórias subversivas ou marginais entabula reconstruções de saber. A crítica e correção retomam a desconstrução, no intuito de questionar universalismos. Repensar como o mundo acadêmico opera reconstruir paradigmas, epistemologias e superar a cisão entre teoria e prática.

Por fim, a autoavaliação crítica coloca todo o labor teológico à disposição da comunidade para que suas pretensões de verdade sejam verificadas. (DEIFELT, 2008, p.15)

Este método da desconstrução e reconstrução é uma forma de produzir conhecimentos. É outra lógica de poder e que se apresenta como outro paradigma possível na ciência e nas relações sociais. A teoria feminista, vinda de todas as áreas do conhecimento, tem invertido a lógica do poder dominante. As feministas têm se ocupado com o saber acadêmico e têm sistematizado conhecimentos e têm apontado outros paradigmas, a exemplo deste método, vindo da Teologia Feminista. Esta proposta metodológica contribui em muito para se repensar as estruturas simbólicas de poder existentes em todos os lugares e buscar formas de superação da ordem hierárquica do patriarcado. Este método aponta para rupturas, como desafia Deifelt. O paradigma da desconstrução questiona a lógica da violência, do poder assimétrico, da subordinação e critica todo discurso normativo. Nessa perspectiva, a vida cotidiana e as experiências têm valor e lugar, ao contrário de universalismos existentes na sociedade que desconsideram a experiência da pessoa e generalizam o ser social. Segundo Deifelt, o método da desconstrução e reconstrução requer um exercício epistemológico contínuo.

Seguindo a lógica do exercício epistemológico, Elisabeth Fiorenza enfatiza a importância do paradigma da emancipação através da hermenêutica. De acordo com Fiorenza (2009), hermenêutica vem do grego e significa interpretar, explicar, traduzir. Refere-se tanto à teoria quanto à prática da interpretação. No seu entender, a interpretação é um processo emancipatório e requer movimentos para ativar a sabedoria que vem deste processo. É uma lente de leitura para interpretar o patriarcado existe na vida social. Fiorenza usa a metáfora da dança circular (movimentos de análise pessoal e social) para enfatizar os movimentos hermenêuticos, e que somente quando interagem entre si podem criar sentido. É necessário fazer movimentos para interpretar e “examinar as estruturas políticas modernas de dominação” (FIORENZA, 2009, p.195). Nesse sentido, Fiorenza afirma que a interpretação crítica precisa levar em consideração a experiência das mulheres, mas também refletir sobre o lugar social, cultural e religioso que configurou a experiência. Essa interpretação feminista aponta que a análise sistêmica colabora para desenrolar os “nós” feitos pela ordem patriarcal. Em suas palavras ela diz

Com a ajuda dessa análise feminista crítica, você pode questionar primeiro seu próprio lugar social e sua participação nas relações kyriaricais de poder. Ao fazer isso, você se torna consciente de como suas experiências são construídas em termos de gênero, raça, classe, religião ou nacionalidade, e como você mesma/o as constrói nestes termos. (FIORENZA, 2009, p.195)

A ordem patriarcal está muito presente na cultura, é autodefinidora de lugares e papeis e segue sendo a única a ser seguida. Percebe-se isso na linguagem masculina que invisibiliza as mulheres e está em todos os lugares, no imaginário de que o cuidado de crianças é natural para as mulheres, o serviço doméstico é coisa para mulheres, a ciência é para os homens e a educação infantil é para as mulheres, cores específicas para meninas e meninos e assim por diante. A interseccionalidade (gênero, classe, etnicidade, sexualidade, nacionalidade) apresenta uma infinidade de experiências e que precisam ser consideradas na cultura. Não é possível acreditar que universalismos, generalizações acolhem essa diversidade social. As experiências são diversas e únicas e, um dos grandes desafios, é perguntar-se sobre os interesses da dominação masculina que desconsidera as experiências de quem não está no seu espectro social.

Fiorenza nos fala sobre isso dizendo que a hermenêutica da suspeita é ameaçadora, pois tensiona e desmistifica as estruturas de dominação inscritas na cultura, na religião, em nós mesmas/os. Então nos adverte

Uma hermenêutica da suspeita tem a tarefa de desembaraçar as funções ideológicas de textos kyriocêntricos e de suas interpretações. Ela não afirma que há uma conspiração kyriarcal entre as/os autoras/es clássicas/os e suas/seus intérpretes contemporâneos, mas faz questão de dizer que, efetivamente, nós mulheres não sabemos se textos genéricos gramaticalmente masculinos se dirigem a nós ou não. É por isso que precisamos pensar sempre duas vezes e perguntar se algo se refere a nós ou não. (FIORENZA, 2009, p.198)

Esse paradigma emancipatório apresentado por Fiorenza coloca as mulheres como sujeitos intérpretes e que aprendem a reivindicar sua autoridade, seu lugar. À medida que desconstroem a lógica da dominação masculina passam a rejeitar as epistemologias e regras que marginalizam e excluem as mulheres da vida social.

Na obra das duas autoras, percebemos uma interligação entre epistemologia e hermenêutica e as alternativas para despertar a capacidade das mulheres. Ao falarmos sobre direitos iguais, dignidade, justiça, democracia, protagonismo, superação da violência, discriminações precisamos ter movimentos de *ocupar, resistir e produzir*. Os textos deixam o indicativo da transformação, mas não aquela ideia ingênua, mas aquela ação que acontece através da busca coletiva e constante com diferentes grupos para a construção de outros espaços e formas de poder.

A metodologia da desconstrução e reconstrução e a hermenêutica da suspeita propostas por Deifelt e Fiorenza estão muito próximas, pois apontam para o movimento, para os “giros hermenêuticos” que produzem transformações. Estes movimentos são processos, pesquisa em movimento que precisam acontecer conosco para que possam se tornar visíveis

em outros espaços, em outros grupos. Não há receitas, mas há que se suspeitar, fazer perguntas, experimentações.

3.As experimentações no grupo das Marias

Na ideia de contribuir com os “giros hermenêuticos” partilhamos a experiência de acompanhar um grupo de mulheres, através de um Projeto de Extensão.

O grupo Marias Bonitas Fazendo História é um coletivo de mulheres da Vila Urlândia-Santa Maria/RS que, através dos princípios da economia solidária, busca encontrar alternativas de sustentabilidade no mundo do trabalho para mulheres de baixa renda.

As Marias estão vinculadas à Incubadora Social da UFSM, por um período de três anos (2017-2020). Atualmente, com cinco integrantes, o grupo realiza brechós de roupas, investe na produção de alimentos para a comercialização e, mais recentemente, na execução de coffee break.

Com o coletivo Marias Bonitas realizamos reuniões semanais para debates de temas, conversamos sobre as suas experiências, avaliamos o planejamento, replanejamos. Isso gera uma troca de conhecimentos e entendemos que esses movimentos são os primeiros giros hermenêuticos que o grupo vem fazendo. Entendemos que para se trabalhar com questões econômicas e financeiras e entrar no mundo do trabalho é necessário ouvir suas histórias, seus problemas, compreender suas experiências, pois além desses conhecimentos gerarem teoria, acima de tudo são pessoas que possuem famílias e histórias a serem ouvidas. Esses são os passos que precisam ser dados rumo à emancipação destas mulheres, feitos de uma forma coletiva e contínua.

Para fomentar essas vivências emancipatórias, o uso de um método que valorize a experiência e a análise é fundamental. Nesse sentido, ao falar sobre o método fenomenológico como suporte para as experiências das mulheres, Márcia Paixão & Edla Eggert destacam dizendo que “Pergunta-se sobre o lugar específico das mulheres, quem são essas mulheres, quais são seus sofrimentos, como o percebem, como e de que forma os narram. Ouvir e falar são elementos constitutivos desse método.” (2011, p. 15).

Podemos entender que o processo dessas mulheres de poder falar e relacionar com suas histórias são um instrumento para um novo conhecimento. Assim, a matéria-prima é a própria experiência de vida que pode ser ouvida, ressignificada, transformada. Nessa linha, Ivone Gebara afirma que “É pela memória que liberamos a palavra, que deixamos os mortos

falar, que revivemos sofrimentos para denunciar o que nos impede de viver com dignidade.” (2000, p. 48).

Na perspectiva de “ocupar, resistir e produzir” as Marias Bonitas fizeram o movimento de vincular-se à Incubadora Social da UFSM. Assim, podem ter a oportunidade de participar de cursos de capacitação de produção e comercialização de produtos, de economia solidária e gestão financeira.

Esse debate nos remete ao tema da dependência financeira da mulher. Um dos principais motivos do coletivo Marias existir é a busca incessante da independência financeira através do trabalho e renda coletivos. Nessa perspectiva, Marcela Lagarde afirma que “a dependência tem sido eixo da condição histórica da mulher da situação particular das mais diversas mulheres” (LAGARDE, 2005, p. 167), e ainda que “a dependência é a metodologia operativa da opressão patriarcal” (LAGARDE, 2005, p. 165).

Poder acompanhar as Marias promove o movimento de “ocupar” outros espaços e aprender e ensinar ao mesmo tempo. A experiência de sair da universidade para poder perceber as necessidades de grupos que são historicamente oprimidos, esquecidos, estereotipados e silenciados nos leva a diversos questionamentos e nos permite ver inúmeras situações de nosso cotidiano com outros olhos. O vínculo entre universidade e comunidades é fundamental nessa busca constante de ocupar, resistir e produzir transformações.

Referências

DEIFELT, Wanda. Da cruz à árvore da vida: epistemologia, violência e sexualidade. In: NEUENFELDT, Elaine; BERGSH, Karen; PARLOW, Mara.(Orgs). *Epistemologia, violência e sexualidade: Olhares do II Congresso Latino-americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008. P.13-30

FIORINZA, Elisabeth S. *Caminhos da Sabedoria*. Uma introdução à interpretação bíblica feminista. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2009.

GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio*. Uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis: Vozes, 2000.

LAGARDE, Marcela. *Los cautiveros de las mujeres: madreposas, monjas, putas, presas y locas*. 4 ed. México: UNAM, 2005. P. 165-167

PAIXÃO, Márcia. EGGERT, Edla. A Hermenêutica feminista como suporte para pesquisar a experiência das mulheres. In: *Processos educativos no fazer artesanal de mulheres no Rio Grande do Sul*. 1ed. Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2011.